

O VELHO ESTÁ MORRENDO E O NOVO NÃO PODE NASCER: SOBRE MONSTROS, TERRITÓRIOS EM CHAMAS E NOVAS POSSIBILIDADES DE IMAGINAÇÃO GEOGRÁFICA.

Rildo Borges Duarte¹

Resumo: O movimento de valorização do espaço, imposto pelo capital, incendeia territórios e ameaça as condições de manutenção da vida no planeta. Como um monstro que cresce sem parar e, nesse movimento de expansão, mostra sua face mais violenta e também suas maiores fraquezas, o capitalismo desorganiza modos de vida e destrói ambientes a taxas cada vez mais velozes, mostrando ser um modo de produção na mesma proporção em que é um modo de destruição. Este pequeno ensaio utiliza a metáfora do monstro para denunciar esse movimento de barbárie e indicar que outro mundo é possível e outras formas de imaginação geográfica podem ser fundamentais para realizar o processo de escrita da verdadeira história humana.

Palavras-chave: Capitalismo; Barbárie; Monstros; Neoliberalismo; Geografia.

THE OLD IS DYING AND THE NEW CANNOT BE BORN: ABOUT MONSTERS, BURNING TERRITORIES AND NEW POSSIBILITIES OF GEOGRAPHIC IMAGINATION

Abstract: The movement of valorization of space, imposed by capital, sets territories on fire and threatens the conditions for sustaining life on the planet. Like a monster that grows incessantly and, in this expansion, shows its most violent face and also its greatest weaknesses, capitalism disrupts ways of life and destroys environments at increasingly faster rates, proving to be a mode of production in the same proportion as it is a mode of destruction. This brief essay utilizes the metaphor of the monster to denounce this movement of barbarism and to indicate that another world is possible and other forms of geographical imagination may be fundamental to realizing the process of writing the true human history.

Keywords: Capitalism; Barbarism; Monsters; Neoliberalism; Geography.

INTRODUÇÃO

No Primeiro Seminário Nacional Geografia das Crises do Capital, ocorrido em Poços de Caldas, no ano de 2022, o professor e amigo Sócrates Menezes propôs uma reflexão sobre como poderíamos apresentar uma imagem do capitalismo, fazendo uma comparação com entidades monstruosas. A ideia para essa tentativa

¹ Docente do curso de Licenciatura em Geografia do IFSULDEMINAS – campus Poços de Caldas. E-mail: rildo.duarte@ifsuldeminas.edu.br.

de oferecer uma analogia ao movimento ampliado e contraditório de produção e circulação do capital partiu do livro “O Minotauro Global”, do ex-ministro das finanças da Grécia, durante o governo do partido de esquerda Syriza, Yanis Varoufakis (2018). O economista grego usou a quimera da Ilha de Creta, metade humano e metade touro, para representar o arranjo político, econômico e geopolítico dos anos 1970 até a crise de 2008, em que economias periféricas se viram obrigadas a pagar pelos custos da farrá do processo de financeirização da economia e do aumento dos déficits orçamentários e da balança comercial dos Estados Unidos. Assim como Creta, no conto mitológico, exigia o pagamento por parte das cidades-estados gregas para manter o Minotauro sempre saciado e contido em seu labirinto, os países periféricos assistiram à destruição de suas economias e ao incremento da dívida pública, do desemprego e da pobreza, num movimento de espoliação de riquezas que se dirigiam aos países centrais para manter o “Minotauro Global” muito bem alimentado.

Tentando estabelecer um diálogo sobre essa figura da besta-fera do capitalismo, propomos uma volta ao imaginário das séries televisivas dos *super-sentai*, que fizeram sucesso no Brasil nos anos 1980 e 1990. Ao pensar no capitalismo como um modo de produção que, ao se expandir, engendra as contradições que se tornam sua fraqueza, retorna à mente a figura dos monstros que antagonizavam com os super-heróis japoneses como *Nacional Kid*, *Changeman* e *Jaspion*. Em diversos episódios, os monstros inicialmente tinham o tamanho normal e apenas se tornavam maiores após longa batalha e, no momento que aparentava ser sua derrota final, um raio, um feitiço, um chamamento sobrenatural os tornava maiores e, ao se tornarem maiores, aparentavam maior ferocidade e capacidade de destruição. Porém, contraditoriamente, tinham movimentos mais lentos e eram derrotados, seja por heróis que também aumentavam de tamanho ou por seus robôs gigantes. Isso se explica fisiologicamente, afinal, seres maiores dependem de maiores músculos, maior capacidade cardiopulmonar e tendem a reduzir seus metabolismos, tornando-se mais vulneráveis.

De certa maneira, podemos usar a figura desses monstros para representar a geografia histórica do capitalismo. Em seu processo contínuo de expansão, esse modo de produção, ao se tornar cada vez maior, mostra sempre sua face mais violenta e destrutiva. Esse movimento é reforçado a cada crise de acumulação, onde o que parecem seus momentos finais leva-os, não por forças sobrenaturais, mas por ação coordenada dos donos do capital e também dos Estados, frequentemente em enfrentamentos bélicos, a uma fase posterior de maior expansão. Afinal como mostram Éric Alliez e Mauricio Lazzarato:

O capital é a segunda matriz das guerras totais em que a guerra e a produção tendem a se sobrepor uma à outra completamente. As guerras totais levam a alterações irreversíveis não apenas no modo de condução da guerra, incluindo a guerra civil, mas também na organização capitalista da produção, nas funções econômicas e políticas do “trabalho” e na governamentalidade as populações. Vencer a guerra deixa de ser uma questão apenas militar: é preciso, antes de tudo, vencer a guerra das indústrias, do trabalho, da ciência e da técnica; a guerra de comunicações e de produção de subjetividade... Limitado, até a guerra napoleônica, ao campo de batalha, o espaço-tempo da guerra transborda para a sociedade, englobando-a como as ondas de rádio (transmissão que não requer cabos de energia) que introduzem a guerra no seio da quarta

dimensão, abolindo a fronteira do espaço e do tempo. Do ponto de vista da produção, o termo “total” remete à subordinação da sociedade como um todo à economia de guerra por meio da qual o capital de reorganiza (2021, p.190).

Assim, no último século, a crise na transição do século XIX para o XX se desdobrou na maior máquina de matar da história da humanidade, em duas guerras mundiais que utilizaram os modos mais eficazes para destruir territórios e eliminar vidas humanas. Basta lembrar da lógica empresarial apresentada por Robert Macnamara, ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, durante o governo de John F. Kennedy, no documentário “Sob a névoa da Guerra”. Ao relatar seu papel como assessor especial do exército estadunidense, durante a II Guerra Mundial, Macnamara indica como os conhecimentos desenvolvidos na Escola de Administração de Harvard foram fundamentais para garantir uma racionalização das operações de bombardeios ao Japão, utilizando bombas incendiárias em cidades cujas construções eram majoritariamente de madeira. Antes da barbárie atômica de Hiroshima e Nagasaki, centenas de milhares de civis japoneses tiveram seus assassinatos metodicamente planejados em planilhas que calculavam o menor custo possível por bomba a ser lançada. Não por acaso, em um momento de sinceridade ou cinismo absoluto, Macnamara disse, referindo-se ao diálogo com um general do exército, naquela época, que uma possível derrota na guerra os levaria a serem condenados por crimes contra a humanidade.

Algumas décadas depois, a crise dos anos 1970, para além de todas as guerras produzidas em meio ao período da Guerra Fria, iniciou um movimento destrutivo de todos os ganhos sociais e trabalhistas conquistados com muito sangue, suor e lágrimas nas décadas anteriores. Neste período, conservadores e liberais iniciaram um ataque ao que chamavam de “crise de governabilidade”, ou seja, consideravam que trabalhadores “indolentes”, com muitos direitos e pouca produtividade, ameaçavam a manutenção das taxas de lucro. Como bem descreve Gregoire Chamayou:

Em 1970, o diretor-presidente da General Motors faz uma advertência a seus empregados: “Não podemos tolerar que os funcionários fujam de suas responsabilidades, contraponham-se às normas mais elementares e ignorem a autoridade. [...] A General Motors fez novos investimentos [...] para melhorar a produtividade e as condições de trabalho, mas as máquinas e tecnologia de nada servem se o trabalhador abandona seu trabalho. [...] Exigimos uma jornada de trabalho justa pelo justo salário que lhes pagamos”. Como restaurar a disciplina? A direção da GM opta pela “linha-dura”: acelerar as cadências, automatizar as tarefas não qualificadas, desqualificar as que sobram, cortar a massa salarial, reforçar as medidas de supervisão e de controle (2020, p.35)

Essa gestão autoritária neoliberal, reinventando formas de coerção para evitar que os trabalhadores fugissem do trabalho como se foge de uma peste, teve como grandes ícones, nos anos 1980, os governos de Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Assim, enquanto nos Estados Unidos o crescimento das médias salariais seria duramente atingido, sindicatos enfraquecidos e a guerra às drogas provocaria o encarceramento em massa dos negros, atingindo mortalmente as conquistas dos movimentos pelos direitos civis, na Inglaterra os sindicatos dos mineiros foram violentamente derrotados em seu movimento grevista, cidades industriais foram

destruídas pela financeirização da economia e o desemprego atingiu duramente toda uma geração de jovens. Esse movimento se expandiria para todo mundo a partir do Consenso de Washington na década seguinte, causando desemprego, fome e desesperança sem precedentes, principalmente em países de passado colonial da América Latina, África e Ásia. O consumo de músculos, nervos, ossos e cérebro dos trabalhadores, lembrando a clássica formulação de Karl Marx ([1867] 2013), atingia níveis inimagináveis e passaria a provocar um adoecimento físico e mental cada vez maior.

Entramos assim, no século XXI, em uma crise contínua que se arrasta desde 2008 e que tornou o monstro ainda maior e com mais capacidade destrutiva. A barbárie imposta põe em chamas territórios em cada canto do mundo, da Amazônia a Gaza, do Iêmen à Ucrânia. O trabalho superexplorado, via plataformas digitais, tenta se tornar a única norma e alternativa possíveis e a sanha por minérios indispensáveis à produção de tablets e smartphones impõem trabalho escravo e morte em minas no Congo e garimpos que devastam a floresta e exterminam os povos originários na Amazônia². E, como há um século, o Estado e os senhores do capital parecem cada vez mais convencidos de que somente a destruição massiva de capital fixo e vidas humanas, em proporções globais, pode dar conta das contradições que se acumulam e ameaçam colapsar um monstro que já não consegue sustentar seu gigantismo.

Em meio a esse panorama aterrorizante, em que a capacidade destrutiva do capitalismo já inaugurou um novo período geológico, que preferimos nomear como *capitaloceno*, e entramos em, provavelmente, um decênio decisivo para a manutenção das condições de vida do planeta (Marques, 2023), precisamos, com urgência, voltar a imaginar possibilidades ao futuro humano.

Não podemos esquecer o quanto o poder da ideologia enfraqueceu nossa capacidade de, em primeiro lugar, contar a história humana a contrapelo³. Neste sentido, o recente debate sobre as formas de organização das primeiras comunidades humanas oferece um exemplo sobre isto. David Graeber e David Wengrow (2022) lançaram uma crítica devastadora a autores como Yurval Harari (2020) e Jared Diamond (2014), que em diversos graus de determinismos, afirmam a impossibilidade de outras formas de organização social a não ser a que se estruturou até a atual sociedade do valor. Graeber e Wengrow indicam como não há evidências que embasem esses determinismos e usam estudos arqueológicos e antropológicos para demonstrar que a experiência dos povos antigos era aberta a todos os tipos e formas societárias e que as sociedades de comuns se estabeleciam e se organizavam com muito mais frequência e sucesso do que tentam nos convencer.

Em segundo lugar, também perdemos nossa capacidade de imaginar o futuro, como nos alerta Mark Fisher (2020), dentro desta ideologia onde parece mais fácil imaginar o fim do mundo do que a superação do capitalismo. Não por acaso, um certo niilismo sobre as perspectivas para vida humana no planeta parece se disseminar rapidamente. Dos super ricos que gastam pequenas fortunas para

² Sobre o atual momento de exploração do trabalho e de matéria-primas, principalmente nos países periféricos, como forma de garantir as taxas de lucro das grandes empresas de tecnologia, em um processo que está sendo chamado de colonialismo digital, ver: Faustino; Lipold, 2023.

³ Lembramos aqui a importante lição de Walter Benjamin (2012) de que um dos despojos dos vencedores é poder contar a história e legar um patrimônio cultural ao presente que representam documentos de barbárie. Caberia assim, ao materialista histórico, se afastar dessa tradição e contar a história a contrapelo, ou seja, resgatar aqueles que tombaram e foram invisibilizados pelo movimento de violência e dominação impostos pelo modo capitalista de produção.

construir *bunkers* em áreas isoladas até certa cultura pop que dissemina séries e filmes de futuros distópicos.

Porém, apesar deste quadro aparentemente insolúvel, devemos lembrar que justamente quando mostra sua face mais violenta, o monstro capitalista está dando claros sinais de que seu corpo já não consegue sustentar as contradições que se acumulam. Como bem demonstram Ailton Krenak (2022), Frantz Fanon ([1961] 2022) e Sílvia Federici (2021), o futuro é ancestral, é dos condenados da terra, é dos comuns.

Precisamos pensar uma ciência geográfica que efetivamente se proponha a, neste momento em que o velho está morrendo e o novo não pode nascer, lembrando a assertiva de Antônio Gramsci, combater o monstro em seu momento de maior violência e destruição e a não oferecer condições para que ele tenha um novo ciclo de crescimento.

Lembremos de Milton Santos (2000) e de sua defesa de que uma outra globalização é possível, desde que seja realizada a partir da organização e movimento de resistência e luta dos de baixo. Recordemos de Armando Corrêa da Silva (1986) e da convicção de que devemos voltar a imaginar o impossível para reafirmar efetivamente de quem é o pedaço.

Ao fim e ao cabo, precisamos geografar os territórios dos comuns, militar por sua defesa contra os incêndios que os ameaçam e reivindicar a construção de um futuro em que seja escrita a verdadeira história humana.

REFERÊNCIAS

ÁLLIEZ, Éric; LAZZARATO, Mauricio. **Guerras e capital**. São Paulo: Ubu editora, 2021.

BENJAMIM, Walter. **O anjo da história**. São Paulo: Autêntica, 2012.

CHAMAYOU, Gregoire. **A sociedade ingovernável: Uma genealogia do liberalismo autoritário**. São Paulo: Ubu editora, 2020.

DIAMOND, Jared. **O mundo até ontem: O que podemos aprender com as sociedades tradicionais**. São Paulo: Record, 2014.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra** [1961]. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2022.

FAUSTINO, Deivison; LIPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2023.

FEDERICI, Sílvia. **Reencantando o mundo: Feminismo e a política dos comuns**. São Paulo: Elefante, 2021.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GRAEBER, David; WENGROW, David. **O despertar de tudo: uma nova história da humanidade**. São Paulo: Companhia da Letras, 2022.

HARARI, Yuval. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARQUES, Luiz. **O decênio decisivo**: Propostas para uma política de sobrevivência. São Paulo: Elefante, 2023.

MARX, Karl. **O capital**: Crítica da economia política [1867]. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Armando Corrêa da. **De quem é o pedaço?** Espaço e cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.

VAROUFAKIS, Yanis. **Minotauro global**: A verdadeira origem da crise financeira e o futuro da economia. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.